

RENOVAÇÃO



N.º 17

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza* — R. da Rosa, 99 a 107

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º* — Lisboa

Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

UM REVOLTADO DE GÊNIO; o pintor Courbet, por *Rocha Martins* (com gravuras) — MADRID CONTEMPORANEO; A civilização e as ideias, por *Ferreira de Castro* (com gravuras) — O INVERNO E OS PESCADORES, por *Ferreira de Castro*, (com gravuras) — NOVAS SEDES DE SINDICATOS; a dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante e a dos Profissionais da Imprensa de Lisboa (com gravuras). — UMA TRIBU DE POLACOS CALDEIREIROS EM LISBOA, por *Alfredo Marques* (com gravuras) — A CIDADE DOS RICOS E A CIDADE DOS MISERAVEIS, (com gravuras) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL, por *Ladislau Batalha* — VIDAS AGITADAS; Homens e factos: Ferdinando Lassale (com retrato) — A FESTA DO 2.º ANIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES DO TRÁFEGO DO PORTO DE LISBOA — A SOMBRA, conto de *Eduardo Frias*, ilustrado por *Roberto Nobre* — O MUNDO CURIOSO — CAPA de *Rocha Vieira*.

Ano I — Numero 17

Lisboa, 1 de Março de 1926

N.º 17

Renovação

Uma luta de gigantes em Lourenço Marques

Antecedentes da greve ferro-viária — Os descarrilamentos — O odioso vagão-fantasma e os seus sinistros efeitos — Deportações contra a Carta Orgânica da Província — A indomável bravura das mulheres da cidade.

Duas simples pinceladas rasgam a penumbra que ainda envolve a genesis dessa luta de gigantes que ha cerca de quatro meses crepita intensamente na florescente provincia de Moçambique. Duas singelas frases completam a suggestiva descrição, que já corre impressa, da heroica greve dos ferroviários de Lourenço Marques, iniciada com invulgar estoicismo na celebre manhã de onze de Novembro do preterito ano.

Nessas duas simples frases ficará convenientemente bisturiada a necidade do Alto Comissario Azevedo Coutinho, hoje cognominado por «Nero de Moçambique.» Elas serão suficientes para dissecar eficientemente a obra dum funcionário superior que a rolêta política ascendeu à administração da riquissima provincia de Moçambique.

Um olhar retrospectivo esclarece melhor essas duas frases: a greve foi declarada porque o Alto Comissario fez publicar um ukase



Grupo de presos que estavam na Carreira de Tiro e que eram obrigados a viajar nos vagões-fantasma



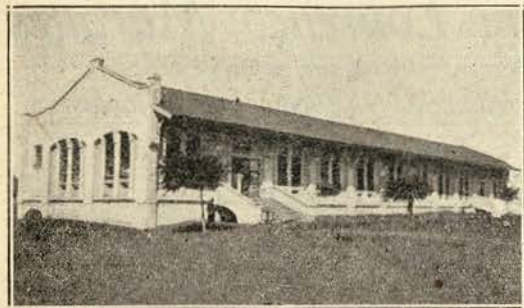
Presos julgados de maior responsabilidade, detidos nos calabouços da policia. Indicado pela → Cristovam Furtado; n.º 1, Nuno Pedro; 2, Manuel Joaquim da Silva; 3, Carlos Alves Militar.

a que denominou «Reorganizaçãõ.» Por este documento cerceavam-se algumas regalias ao pessoal dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, enquanto se melhorava grandemente os funcionários superiores daquela rêde ferroviaria. O ukase determinou a greve e com ela veio a repressão mutua: o govêrno privando da liberdade os ferroviarios, e êstes respondendo a todos os insultos e vexames.

Depois, um descarrilamento, logo a seguir outros de comboios que eram timonados por militares, os quais obstruíram a linha e impediram a realizaçãõ de algumas carreiras.

Azevedo Coutinho revela então a pequenez da sua alma, o

estrabismo do seu ódio: a pretexto dos descarrilamentos manda organizar o vagão-fantasma, o qual consiste em colocar á frente da locomotiva um vagão descoberto onde, como refens, viajam alguns ferroviários dos que se encontram presos. A medida tem o fim de conseguir que os sabotadores não provoquem novos descarrilamentos.



A Carreira de Tiro

A repressão atinge aqui o triste apogeu. Todas as liberdades que a Constituição confere e a Carta Organica da Provincia respeita, são miseravelmente esfrangalhadas. Violação do domicilio, atentado ao direito de associação, tudo, enfim se consumou para honra desta republica de titeres. Mais: além das prisões iniquas são vilmente assassinados na praça publica, por mercenários ao serviço de Azevedo Coutinho, alguns ferroviários.

A completar o negro sudário vieram depois as deportações para a Metropole de dez ferroviários sob a accusação de *meneurs*, e a expulsão da provincia do professor sr. Solipa Norte.

O ressurgimento do vagão-fantasma criou uma celebridade triste à personalidade do Alto Comissário de Moçambique. Não ha crime mais execravel do que este de expôr aos rigores do sol uma dezena de homens nesta quadra do ano em que nas regiões tropicais o clima incinera os corpos humanos.

Não ha maior monstruosidade do que esta de pôr em contacto com o paludismo, com a biliosa e com a perniciosa uma dezena de homens como refens, só porque se consumaram alguns descarrilamentos.

No vocabulário não encontramos designação que rigorosamente possa exprimir o qualificativo próprio para este crime.

E lembrarmo-nos que Portugal é um país colonizador que tem barbaros com os sentimentos deste senhor Azevedo Coutinho.

*
*
*

As deportações desses dez homens, que tiveram a infelicidade de pertencer aos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, contra

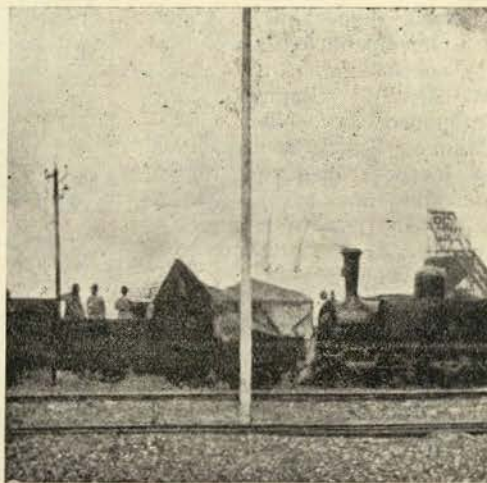
todas as regras do direito jurídico, é um atentado que definê com evidencia o estofo desse democratico que se alcançou no Alto Comissariado de Moçambique. Depois, com a medida cruel do sr. Azevedo Coutinho foram atingidos homens com mais de 20 anos de exercicio profissional, que nada tinham com a direcção do movimento, que apenas eram simples soldados desse formidavel exercito que pelejava contra o soberano da provincia.

As circunstancias especiais em que se fez a expulsão de Lourenço Marques do professor Solipa Norte, Inspector de Instrução Primária em disponibilidade, falou pela mediocridade de Azevedo Coutinho, cuja obra está causando inenarraveis prejuizos.

Epilóga esta crónica o gesto aleventado das mulheres de Lourenço Marques, mães, esposas e filhas dos ferroviários que o vagão-fantasma conservava como refens. Aquella tarde em que essa legião femenina ergueu os seus clamores nas ruas da capital da provincia de Moçambique, ficará indelevel na historia das lutas operarias.

Um pelotão de gendarmes pretendeu obstruir-lhes a marcha. Houve pedradas, trocaram-se tiros e da refrega saiu morto um soldado. A legião poude triunfalmente chegar ao Palacio do Governador e erguer a sua voz:

— Queremos a liberdade dos nossos mari-



Um vagão-fantasma á frente duma locomotiva

dos, queremos que termine o sofrimento de nossos pais!

Mas nem por isso o feroz «Nero de Moçambique» emendou a mão, nem por esse inolvidavel acontecimento se arpeiou caminho e se entrou na fase de solução da greve.

Não se entrou e só se entrará quando a provincia de Moçambique azorregar corajosamente o tiranete que a quere subverter.

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

III

AS PRÁTICAS CALDAICAS E EGÍPCIAS. INTERVENÇÃO DAS LENDAS CRISTÃS.

Além do fundo primitivo das religiões mais antigas, ha tambem nas superstições portuguezas o vestigio de um fundo egipciaco que deve ter-nos chegado por via da dominação romana, assim como as muitas cerimoniaes, caldas e outras crendices caldaicas nos advieram aavez da dominação árabe.

Com effeito, Caldeia e Egipto foram os países da antiguidade clássica onde a magia e a superstição mais se desenvolveram.

E porquê?

A Caldeia via as suas regiões potâmicas frequentemente assoladas por pestes periódicas, intensas e prolongadas. O Nilo sofria com as suas cheias sempre calamitosas, ás quaes os Egipcios não sabiam como combater.

Ambos os povos sofreram invasões horriveis, em que os vencedores investiam implacavelmente contra os cultos e creanças dos vencidos.

Estes, por sua vez, e muito logicamente, resistiam no intuito de manter as suas creanças perseguidas, celebrando o seu ritual a occultas e simplificado, ou exercendo-o ás claras, mas disfarçado com tantas invenções e simbolismo, que não pareceesse o mesmo, mas outro possivelmente tolerado.

E' por isto que as creanças e práticas caldaicas e egipcias chegaram até nós a tal ponto adulteradas que já quasi as desconhecemos e com dificuldade compreendemos algumas.

Já vimos como grande numero de superstições correm eivadas de simbolismo cristão, o que muito contribue para intensificar a confusão que muito logicamente nelas se encontra.

Resta-nos explicar, ainda que ligeiramente, as determinantes da intervenção cristã na liturgia supersticiosa.

E' de todos bem conhecido que o Cristianismo, ao despontar como doutrina política mascarada de religiosa, recorreu ao estratagema de apoiar-se na humildade, como meio de atrair as simpatias dos mais humildes e tambem, como sempre, os mais numerosos — os proletarios de então, — para inscreve-los no numero dos seus prosélitos.

O seu fantasiado fundador, nascido numa manjadora, entre um burrinho e uma vaca, adorado pelos pastores, perseguido pelos Chefes Hebreus, fugitivo, prisioneiro, crucificado entre os apupos da multidão, ressuscitado, feito Salvador dos homens...

Deliciosa lenda, tão capaz de comover e atrair, que permitiu á seita engrandecer-se e quasi dominar, impondo-se pela Fé e convicções que soube ir arreigando!

A humildade foi, pois, durante bons tres séculos o Lema fascinador de que o Cristianismo se orgulhava. No século IV, porem, pelas contingencias da política, conseguiu que o imperador romano Constantino adoptasse nos

estandartes do exército um lábaro cristão — *In hoc signo vinces* — e declarasse a Religião Cristã como religião official do Estado, proscrevendo o velho Paganismo.

A Igreja intendeu chegado o momento de aristocratizar-se, se não renegando, pelo menos procurando fazer esquecer todo o seu passado de humildade.

Assim deixou entregues ás suas antigas creanças os povos que sobre elas elaboraram, com os novos ritos cristãos, um mistifório. E com isto conseguiu a Igreja preponderante e já oficialmente reconhecida pelo Imperio Romano, alhear-se dos humildes em que se tinha apoiado, e persegui-los, conservando contudo sempre o seu dominio.

Teve o Cristianismo nos seus princípios dificuldades provenientes do Povo Romano acreditar que a existencia dos Deuses e mais mistérios provinha dos oráculos.

Não podendo a tática cristã inutilizar directamente esta doutrina, aceitou-a, dando porém os oráculos como menos dignos de fé, por serem inspirados... pelo Demónio!

E a esses opôs o testemunho de outros oráculos... cristãos!

Deste modo colaborou o Cristianismo na obra das superstições.

Dando por bons os dictamens dos oráculos, contanto que fossem cristãos, fomentou o desenvolvimento das superstições, fazendo-as ao mesmo tempo reverter em seu proveito e em favor das suas doutrinas.

Não ha receio de contradita, asseverando-se que a Igreja Cristã auxiliou as superstições, em todos os casos em que elas podiam vir em auxilio da nova reacção. Nem ha exemplo de que ela protestasse.

A creança nas Almas do Outro Mundo e o terror natural da Morte foram habilmente aproveitados pelo Cristianismo.

Se não, vejamos:

No Conselho de Santarem, por exemplo, durante a época da Quaresma, todos os anos andam nove homens do campo a cantar de noite pelas portas, pedindo esmola para as almas. No fim da Quaresma o dinheiro colhido entrega-se ao Prior para dar um jantar aos que cantaram e pediram, sendo o restante .. para Missas!

Estes peditorios introduzidos nos costumes do Cristianismo Católico foram aproveitados do ritual romano para interesse das classes sacerdotais.

Segundo alguns supersticiosos, quando um defunto vai para a Igreja sem ser acompanhado por um padre, a alma do falecido fica pelo caminho e anda errante pelos sitios onde se perdeu.

Como se vê, fomentando o desenvolvimento desta estulta crendice, conseguia-se facilitar meios de vida ao

Padre que por tão inútil serviço arrecadava sempre boas esmolos.

O culto desenvolvia-se com receio da morte.

Ainda ha quem creia que quando uma pessoa está deitada e passa o Viático, deve levantar-se logo ou pelo menos sentar-se na cama, senão morre.

Na Capital já não aproveita muito esta credence; porém, nas terras de Província onde o Nosso Pae ainda anda pela rua, surte os seus efeitos.

Tambem no Porto é costume, quando alguém está para morrer, sendo homem, mandar a familia tocar sete badaladas num sino da Igreja. Sendo, porem, mulher em parto difficil, devem as badaladas ser em numero de nove!

E com isto se ia tornando simbolico de terror o toque dos sinos!

Considera-se de mau agoiro ouvir estalar tres vezes a luz de azeite, que ainda nalguns recantos da Província se usa.

Com esta superstição concorre uma outra em que trez luzes acezas numa casa se consideram tambem agoiro por significarem... testamento!

Nestas e noutras semelhantes, a Igreja impõe pela superstição o respeito e temor do número 3 que simbólicamente é um número cabalístico por ser o primeiro impar, visto o número um não se contar.

Religiosamente recorda a Trindade:

«Trez é a conta que Deus fez.»

Com efeito, as teogonias da maior parte das religiões concebem e perfilham a trindade, ou seja o reconhecimento de tres forças na natureza, ás quais se dão vários nomes, ás vezes personificados, como são — Brahma, Vishnú e Sivá, — ou, entre os Católicos — Padre, Filho e Espírito Santo.

No Alentejo pensam-se, crêem-se e cantam-se quadras como estas:

«A figueira tem tres figos,
Cada um seu nome tem;
Hei-de-me casar este ano,
Não sei como nem com quem.»

«Juntaram-se os tres Reis magos
Todos tres em romaria,
Para adorar o Deus m'nino
Filho da Virgem Maria.»

«Tres palavras disse a Virgem
Quando nasceu o Menino;
Vinde cá, meu bágo d'oiro,
Meu Sacramento divino.»

«Caminham as tres Marias
De noite pelo luar,
Dirigidas a Belém
Para o Deus m'nino as salvar.»

Os exemplos seriam infinitos a mostrar como o Cristianismo até ao seculo IV não só não se opoz ao desenvolvimento das credences supersticiosas, mas consentiu, se não auxiliou, a intervenção do maravilhoso cristão, por modo a torcê-las em proveito dos seus fins políticos.

Ladino de Portugal

ARTE MODERNA ESPANHOLA



OS PESCADORES

QUADRO

DE

SUÁREZ COUTO

(pintor galego)

A "ICÁRIA" DOS TRABALHADORES

A morte de todas as tentativas de reformas sociais, de todas as modificações nas fórmulas que regem o velho mundo tem provindo do desentendimento dos próprios interessados desde que conseguem organizar-se. Imediatamente como um micróbio devastador, parecem reviver fantásmas d'avoengos despotas e carnifices, e o que era molecula duma sociedade nova passa a ser o atomo derruidor, o pósinho inútil revestindo as teorias antigas.

O operariado manual e intelectual, quando lhe sorriem possibilidades de vitórias, aproximações de seus céros a triunfar, barulha, combate-se, deixa-se conduzir por processos que julga os melhores mas que ao desgargar os núcleos vítima o todo.

Ao querer-se levantar o edifício mina-se-lhe os alicerces. Trambulham os pedreiros que estão nos telhados ligando as telhas, mas ficam soterrados os que esfurancam as caixas d'ar. Dêste modo sossobrou a iniciativa de Cabet — um nome desconhecido da grande massa do proletariado português — mas que teve um papel de reformador do velho sistema explorativo ao embeber-se no sonho da fundação da Icária.

A Icária — o país ideal dos trabalhadores — era bem uma visão dum mundo que os poetas da revolta imaginariam e que êle desejava — mais poeta ainda — tornar realidade.

Filho dum tanoeiro, Estêvão Cabet estudou e fez-se advogado. Era um homem eloquente, dedicado à política liberal; revoltou-se contra os Bourbons, serviu Luís Filipe mas depressa se desenganou e, ao escrever a sua *História da Revolução de 1830*, da qual fôra agente de categoria, causara perturbações na vida do novo sistema político.

Fundou o *Populaire*. Bateu-se nas colunas do jornal. Condenaram-no a cinco anos d'exílio. Quando regressou, foi ainda mais audacioso e ligou-se aos trabalhadores. Escreveu, então, a sua célebre *Viagem à Icária* que constituía a propaganda da nação ideal na qual «o estado é o senhor de todas as indústrias e vende o pão assim como as botas, sendo as refeições distribuídas a todos os cidadãos».

Imaginára adquirir um terreno vasto e ali fundar essa comuna e ganhara uma enorme aura. Temiam-no, perseguiram-no e, então, proclamou o seu sentimento e o dos seus adeptos:

«Já que nos recusam todos os direitos, toda a liberdade de associação, de reunião, de discussão e de propaganda política, vamos procurar a nossa dignidade de homens, os nossos direitos de cidadãos á verdadeira Liberdade com a Igualdade verdadeira.»

Tratava-se da Igualdade económica, sem a qual não pôde haver Liberdade de opinião porque acreditar que um homem de estomago vasio pode pensar como um de ventre cheio, é querer negar a própria natureza. Nem mesmo são semelhantes os esfomeados e os bem alimentados. Diferem como os mendigos dos cães de luxo.

Cabet convocou o operariado de todas as camadas; agregou intelectuais e manuais, mas o govêrno mandou-o prender sob o pretexto de que o seu projecto falansteriano ocultava uma burla fenomenal. Levantaram-se clamores e, ao cabo de três dias de cárcere, saiu para se dirigir à America onde obtivera uma grande concessão de terreno nas margens do Texas, nas orlas do rio Vermelho. Arranjara capitais. Owen, o multimilionário inglês, que fôra operário e ficara sempre o dedicado amigo dos humildes, auxiliava-o.

A Icária fundava-se.

Ao começo houve as dificuldades próprias da região, do clima, das faltas de todo o género; depois começou-se a compreender que era necessário resistir, trabalhar, lutar, construir abrigo, realizar o pensamento dum mundo novo naquele terreno onde os homens deviam pensar igualmente

Construiu-se, organizou-se, impoz-se a cada um o seu dever. A cidade do Trabalho nascia nas margens do rio Vermelho. Parecia um símbolo, mas o nome de Icária — baseado no sonhador Icaro que desejou voar com azas, ligadas por cêra que o sol logo derreteria — era um símbolo também.

Podia ter sido uma maravilha aquela comuna inicial, um exemplo e uma bandeira proletária, um marco a tornar-se um monumento, porém, na sociedade nova reboaram as vozes dos políticos, contaminaram-se facilmente dos vícios antigos aqueles que mal os tinham olvidado. Debalde lhes gritavam que se deixassem de política e tra-



Cabet — fundador da «Icária»

tassem da sua Cidade, que não se perdessem a disntir a Constituição, assinada na redacção do *Populaire*, em 10 de outubro de 1847, e antes fossem estreitado mais a sua associação, construindo o seu país, tornando habitável a sua Icária. O micróbio contagiara os icarianos. A desordem reinava. Havia partidos. O sonho de Cabet e dos trabalhadores, a ligação de tantos esforços, difficilmente congregados, tudo quanto representava a força do proletariado, ruía. A associação, como uma nau, à qual os próprios marinheiros descalafetassem, ia afundar-se.

Entre os agitadores havia um chamado Gouhenaut. Rebentou contra êle a luta e encontraram nas suas malas brochuras e insignias que o fizeram julgar agente dos jesuítas. Foi condenado por traidor. Mas não era tarde para se voltar à organização.

O fundador perseverava; procurava novos capitais e recrutava novos colonos; instalaram-se numa cidade, a de Nauwo, que os mormais tinham abandonado, junto de Mississipi. A comuna existia; o governo de Illinois reconheceu-a sob a presidência de Cabet. Tratava-se de fundar mais vilas; impuzera-se aos cidadãos os seus deveres: «aprender a ler e a escrever, trabalhar no seu mister, não proceder de forma a prejudicar os seus camaradas, proteger as mulheres e as crianças, casar-se, entregar os filhos à guarda do Estado que os educaria.»

Viveu-se durante algum tempo em paz mas desejou-se um parlamento, à maneira dos do velho mundo; nasceram as oposições políticas, os directores gerais da alimentação e da saúde voltaram-se contra Cabot e durante seis semanas não se trabalhava porque se andava em discussões.

As maiores injúrias se lançaram sobre o sonhador que tinha realizado aquela associação de trabalhadores logo eivada do mal da desorganização política. Tudo quanto era sistema de resistência económica esquecia, o que devia ser a construção falha porque se procurava intervir demasiadamente no processo das realizações positivas.

Em breve a Icaria acabava na desordem e os capitalistas europeus soltaram as suas gargalhadas, encheram de ironias nos seus jornais o pobre Cabot vencido.

Mas porque morreu a Icaria? Porque os seus adeptos se deixaram suggestionar pelas vozes dos que os de-

sassociavam do ideal para os conduzirem como no velho mundo.

Sempre que as scições vencem, sofrem as teorias.

A Icaria, que existiu efemeramente, é o símbolo das aspirações que podiam possuir monumentos e que muitas vezes os proprios interessados preferem em ruinas.

Rochu Martins

RESSUREIÇÃO

SONETO

*Dissipam-se na vasta redondeza
do frio inverno as sombras tenebrosas ;
revive o ceu as côr's harmoniosas,
ressurge para a vida a Natureza.*

*As aves tecem hinos á beleza,
sôbre os regatos vôam mariposas ;
debruçam-se nas fontes lindas rosas,
ha idílios de sons pela deveza.*

*Já nos peitos renasce o casto amôr,
aquele amor ardente, que flameja
na luz do olhar, na febre do labôr...*

Minh'alma brada ao sol, que além dardêja :

— «Bendito seja o astro criador!»

E a terra inteira diz : — «Bendito seja !

Lx.-2-1926.

INÉDITO

Bento Faria.

ARTE MODERNA

Toda a luta da arte contemporânea é pelo triunfo do espirito moderno. Eu não duvido dêsse triunfo.

Pois era possível que numa época em que o pensamento atinge alturas inconcebíveis, numa época em que o mundo se transforma, em que tombam com fragor velhas instituições que dir-se-iam invulneráveis sob a chancela do tempo; é possível que numa época em que a Sciência realiza conquistas que assombrariam os nossos antepassados mais próximos, era possível que nesta época admirável em que tudo se renova e em que tudo caminha com directriz certa, só a arte estivesse em decadência e marchasse ao acaso, aos zigue-zagues?

Era possível que quando todos os cérebros privilegiados se mostram mais pujantes, só o cérebro dos artistas se encontrasse débil, perturbado, mendigo de valôr?

Era possível que a arte, que tem marchado sempre na vanguarda de todas as grandes épocas, se pusesse à margem da nossa época, que é a maior de todas as que





até hoje se esvairam para o rio silencioso e obscuro da Eternidade?

Era possível que os velhos artistas, aqueles em cuja cabeça se aurelam louros conquistados ainda com antigos processos de arte, se conservassem tão afastados e tão humildes, se vissem no anseio de novas gerações—um anseio-farsa, um anseio-nulidade, sem nada de transcendente a orientar-lhe o vôo longínquo?

Sim, porque ante o avanço do espírito moderno, os velhos gloriosos escondem-se tímidamente e parecem até

ter remorsos de usufruírem ainda uma glória conquistada entre os espectros da Arte Antiga.

E eu quando falo da Arte Antiga não falo com desdem. Sinto e compreendo a sua belesa e a contemplá-la me detenho, por vezes, longas horas. Mas isso não significa que, por a Arte Antiga ser bela, vivamos eternamente a ampliá-la, a desdobrá-la, a decalcá-



la. Tão grandes prejuízos essa doutrina trás à renovação artística, que muitos pintores e escultores modernos, cujo espírito dir-se-ia situado na vanguarda, remontam, falseando a nova orientação, às manifestações primitivistas. Essa ressurreição do primitivismo gráfico, escultórico e pictural, a que se entregam alguns artistas, constitui um perigo para a Arte Moderna—porque é precisamente em nome desta que aquela se faz. Esses artistas são hoje os representantes do reacionarismo artístico junto à arte de vanguarda—e serão amanhã os mais implacáveis adversários do espírito novo, logo que este triunfar definitivamente.

Teem uma visão pretérita e não futnra.

O primitivismo é mais perigoso ainda do que o classicismo, porque este afasta-se de nós e aquele vem-se colocar ao nosso lado. E nós, se achamos possível essa preocupação que tanto agrada ao burguês, preocupação que tinha o artista dos últimos séculos, de que o homem pictural fôra absolutamente semelhante ao homem físico, também devemos repudiar essa interpretação que alguns

escultores e pintores contemporâneos dão ao homem, apresentando-o como um manipanso africano. Devemos repudiar essa corrente, que está volvida para as brenhas do passado e não para as alvoradas do futnro. Devemos repudiá-la em nome da Civilização. Em nome do espírito moderno.

Isto porque todo o artista deve estar dentro da sua época, se não tiver génio bastante para estar simultaneamente na sua época e nas épocas futuras. Fazer arte que só possa ser compreendida no futuro, é realizar algo de mui elevado e genial, que os espíritos mediocres não compreenderão. Mas realizar uma Arte que só pudesse ser compreendida e justificada no passado, é algo de grotesco, algo que ultrapassa as próprias fronteiras do Ridículo. Uma é a criação, a outra é a cópia—a mistificação.

O Futuro não tem limites e a inquietude humana é também ilimitada. Com a angústia da segunda, caminho para o primeiro a verdadeira arte moderna. Sujeita a todas as metamorfoses, até alcançar seu caracter definitivo. Até que sôbre ela outros caminhos se venham traçar. Porque o mundo não se pode deter. O mundo não se deterá. E só poderá acompanhar o mundo em sua marcha, só poderá obrigar o mundo a marchar, quem tiver um espírito moderno. Um espírito de hoje, de amanhã, de todos os dias que hão de vir, mas nunca dos dias que já passaram. E' necessário que os nossos vindouros saibam que nós fomos até onde pudémos ir. Que forcamos até as nossas possibilidades para irmos mais além. Arrastando pesados grilhões. E em luta com aqueles que só podem merecer o repúdio do Futuro. Mas desnodadamente. Quási triunfalmente...

Ferreira de Assis

Um quadro de Van Dyck

Foi descoberto ha pouco tempo, na capela do hospital de Montpellier, um quadro de Van Dyck que se supõe ser o original de uma cópia existente na Academia de Veneza—o célebre *Crucifix* que se considerava perdido. Autenticando o valioso achado, foram encontrados preciosos documentos, nos quais a vida do genial pintor é cuidadosamente narrada, e que constituem o mais completo estudo ainda até hoje feito sôbre o mestre da Escola Flamenga.

A SEMANA DE "A BATALHA"

O ÓRGÃO DOS TRABALHADORES COMPLETOU SETE ANOS DE EXISTENCIA

Quem disser que a semana de «A Batalha», não decorreu com entusiasmo abalançar-se-ha, com razão, a ser desmentido. A devoção dos amigos do jornal, a copiosa assistência que se fez notar, vieram demonstrar o quanto o operariado sabe cumprir o seu dever, quando a isso chamado pelas exigencias do momento.

A Comissão organizadora dos festivais não descançou e encontrou na massa dos trabalhadores uma lisongeira correspondencia. Foi uma semana movimentada. O palacio solarengo dos Castro Marim encheu-se de proletarios e aos «minuets» setecentistas sucedeu o vozear alegre duma multidão de homens que trabalham, que lutam, hora a hora, pela vida incerta, que arrastam numa resignação de quem espera que



A kermesse

o negrume da existencia desapareça quando um regime utilitario de trabalho bem organizado venha pôr fim às injustiças que os flagelam.

Agora, para engalanar a vida de ilusões fugidias, foram quermesses, recitas, concertos e conferencias. Vozes de militantes treinados na acuidade do argumento disseram da sua razão, reeditaram-se corpos de doutrina, agitaram-se tropos estigmatizadores, e os aplausos reboaram ainda uma vez por entre as pesadas paredes das dependencias da Confederação Geral do Trabalho. Nem uma só voz discordante, nem um sussurro de desaprovacão, nem uma leve hesitação que empanasse a convicção dum direito

inatingivel, pela duvida. Concordamos nós com o aspecto romarial que aqui e ali as cerimonias

Uma conferencia por Manuel Joaquim de Souza — O conferente e o auditório



tiveram? Não, dize-mo-lo franco, abertamente.

A sobriedade, a seriedade das atitudes, libertando o homem de costumeiras sedições, é sempre o melhor argumento a opôr a reparos causticos que visam a deturpar intenções e a malsinar propositos.

Devemos ter sempre em conta a má-fé com que somos olhados, a astuciosa malícia com que somos tratados por aqueles que se riem às escondidas, precisamente porque adotamos os seus processos que neles são admiráveis, mas que em nós surgem ridiculos ou condenáveis. A areia vermelha das lotarias felizes, não deve sempre servir de simbolo a regosijos, mormente quando a comemoração assenta em bases honestas, fora dos jogos de azar. Estamos já fartos de



do caracter das classes laboriosas que as promovem.

A semana de «A Batalha» ainda teve destes arremedos de velhos tempos de cirios e fogaças, curiosos no campo da etnografia mas descabidos em meios que a isso se não acondicionam.

O que desvanece, o que agrada, o que fere a sensibilidade mais embotada é a fé com que as festas foram tratadas, a dedicação com que todos para elas e a elas concorreram. Os brindes então registam uma das feições mais enternecedoras da celebração septenaria. Amontoam-se, já não ha espaço para eles. A variedade, a quantidade são enormes. Representam carinho, representam despesa. Mas a devoção fa-lo de bôa mente, de olhos fechados.

Gostariamos que do mundo burguês viesse alguém até às dependencias de «A Batalha» para que presenciasse o frenesi com que se labora, a disciplina natural com



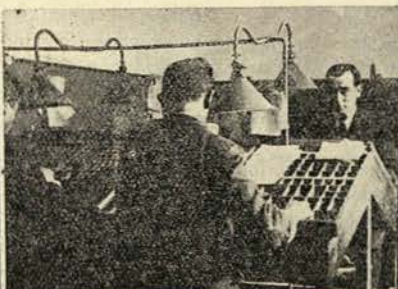
pifiar comemorações ou com um ruido burlesco, ou com umas minucias sertanejas improprias da epoca e muito mais improprias ainda



Em cima : Sala da redacção de «A Batalha»

Ao meio : Um dos escriptorios da administração de «A Batalha»

Tres aspectos das oficinas de composição



que se trabalha e para que se visse a modestia mas o relativo arranjo com que estão dotados os varios serviços. Não é o antro que muitos julgam e que outros fingem supôr.

Não virão os visitantes deparar com tapeçarias caras, ou com mobiliários custosos, mas encontram, o que de modesto existe, no seu logar, com a limpeza honesta que dá a felicidade, com a ordem salutar que convida ao método. A consciencia operaria não quis ainda integralmente que o seu órgão na imprensa disfrute o estadio de conforto elegante a que tem jús; seria tão fácil, mais um pequeno esforço!

Mas o trabalho não esbarra, ainda assim, com as dificuldades de gestação que embarçam a vida dum jornal montado *ad hoc*, como tantos que para aí ha a darem leis e a pretendem marcar opinião.

Hoje, «A Batalha» tem já uns laivos de civi-

lização, de comodidade, de desafogada apparencia que detem quem a visita, que não hostiliza quem a procura. A comemoração de sete anos



Os alunos da Escola — Teatro Araujo Pereira que tomaram parte nas festas comemorativas do 7.º anniversario de «A Batalha»

de existencia deve servir mais a um incitamento do que a uma visão que pouco a pouco se vai effectivando.

AO POLO NORTE EM AVIÃO

«NEM POR TERRA, NEM POR MAR»... — AMUNDSEN E O SEU PLANO MALGRADO — THE DETROIT ARTIC EXPEDITION — O CAPITÃO WILKINS

Mais um explorador, atraído pelo mistério indecifrado das solidões polares, vai partir em demanda do Polo Norte. Inatingido até hoje, estará desta vez resolvido a deixar que lhe roubem o segrêdo tão avaramente guardado, e pela conquista do qual tantos esforçados perderam a vida, no sonho milenário de ir até ao limite dos dominios que ao Homem foram dados?

«Nem por terra nem por mar, encontrarás o caminho que conduz aos hiperbóreos», sentenciou Pindaro; e parecem os homens convencidos de que de facto lhes está vedado o acesso ao Polo Boreal do Mundo, por terra ou por mar.

Por isso, tentam agora a única via que lhes não foi vedada pela sentença proibitiva do mal humorado poeta: — a via aérea, o caminho das águias. Ao Polo Norte em avião! A aventura que seduziu Amundsen, o conquistador do Polo Sul, e que jurou arrancar o segrêdo á esqñiva esfinge dos mares árticos. Mas Amundsen tentou-a em

1925 e malogrando-se a expedição, viu-se o audaz norueguês forçado a regressar sem haver logrado o seu intento.

Enquanto se annunciava que o infatigável explorador, sem desistir do seu sonho, adquirira na Itália um dirigível, um semi-rígido gigantesco, no qual se propõe renovar a tentativa que os fados não deixaram vingar o ano passado, uma nova expedição se prepara, e esta confiada a um outro homem extraordinário, — uma dessas criaturas predestinadas para ir mais além do que os outros foram, atravez todas as dificuldades, renunciando à vida, se preciso fôr que ela se sacrifique na ara de um sonho tornado impossível.

O projecto desta outra expedição surgiu quasi na mesma data em que Amundsen annunciava a sua. Foi há poucos meses que o explorador canadiano Stefansson, o heroi da expedição ártica de 1914-1918, sugeriu á Sociedade Americana de Geografia a organização dum «raid» de reconhecimento ao Polo Norte, em aeroplano,

tomando por ponto de partida, não o Spitzberg, como Amundsen, mas sim a ponta de Barrow, ou seja a extremidade setentrional da Alaska.

Simultaneamente, o capitão Wilkins, então em Londres, delineava um plano semelhante, mas tendo por objectivo o Polo Sul, e, para êsse fim, procurava adquirir o aeroplano Dornier-Val que servira a Amudsen no seu audacioso mas infructífero vôo. Não desistira do projectado intento, quando uma carta da América lhe revelou a ideia de Stefansson, e mais: que o seu nome fôra escolhido para capitanear a expedição.

Wilkins não gastou muito tempo a decidir-se; o primeiro paquete que saiu do Tamisa para os Estados Unidos levou-o. Encontrava-se, dias depois, com Stefansson, de quem fôra o imediato na expedição de 1914, — e entraram imediatamente ambos em negociações com o dr. Bowman, presidente da S. A. G.



O capitão Wilkins

A êste tempo, a Sociedade de Aviação de Detroit estudava a maneira de desenvolver as suas fabricas, por forma a tornar Detroit um grande centro mundial de produção dos grandes aviões comerciais. Tudo quanto dissesse respeito a um grande empreendimento aéreo devia interessar essa empresa como optimo reclame.

Não foram demoradas as negociações; a Sociedade de Aviação declarou subvencionar o empreendimento com cincoenta mil dollars. Wilkins inscreveu-se com quinze mil, — e as coisas aprontaram-se com essa rapidez cinematográfica que caracteriza as grandes empresas americanas.

A Sociedade de Geografia dava á expedição o seu caracter scientifico; um outro auxiliar valioso appareceu: — a North American Newspaper Alliance ofereceu a sua cooperação nas despesas, mediante o contracto de serem reservados aos seus membros os direitos de prioridade nas noticias referentes á expedição.

Assim se removeram as difficuldades materiais; foi adquirido um magnifico avião, um Fokker trimotor, — aguia gigantesca, cuja construção e afinação foi confiada á Hasbrouck Heights, da Atlantic Aircraft Corporation. A êste aparelho, cujo raio de acção é de 2.500 milhas, juntaram os exploradores um outro, mais pequeno, monomotor, mas que pode cobrir 3.000 milhas dum só vôo. Um só destes aparelhos será empregado na tentativa para atingir o Polo, mas só depois de um vôo experimental que se efectuará nas regiões polares, ou seja, na étape Fairbanks-Barrow, isto é, da estação terminal do caminho de ferro de Alaska ao ponto de partida escolhido, a quatrocentas milhas dos exploradores, que depende do funcionamento dos motores nessas regiões.

Vem a propósito dizer quem é êste Wilkins, que chefará a nova expedição aérea ao Polo Boreal, já denominada The Detroit Artic Expedition.

Wilkins tem trita e sete anos. Nasceu na Austrália, em 1888, num «rancho»; diplomou-se engenheiro na escola de minas de Adelaide tendo revelado extraordinárias aptidões para a fotografia. Em 1911, deixou a Austrália, — e desde então nunca mais parou, na sua vagabundagem aventureira por todas as regiões do globo.

Em 1911-12, percorre os Balkans, e, em Tchaltadja, consegue, pela primeira vez, impressionar uma película de uma verdadeira batalha. Isso grangeou-lhe um belo contracto para o Gaumont Cy, de Londres, e, no ano seguinte, está na Índia, filmando. Tempos depois, acompanhando, como fotógrafo, a expedição ártica de Stefansson.

Regressou, e a trágica aventura europeia envolveu-o; o armistício veio encontrá-lo no Oriente, de onde passou a Anatólia, Síría e Palestina, — sempre sedento de emoções, irrequieto sempre.

Em Londres, confia-lhe um dos aeroplanos que iam tentar o *raid* aéreo Inglaterra-Austrália. Uma aterragem forçada inibiu-o de ali chegar, fazendo-o descer em Creta. Meses depois, aceita o comando da British Imperial Antarctic Expedition, que atingiu a terra de Graham. Então realiza, em canoa, importantes reconhecimentos, sobre mais de 500 quilómetros de costa.

Um ano depois, ei-lo a bordo do *Quest*, do malogrado Shackleton, a cuja morte trágica, em meio das solidões antárticas, na perseguição do sonho fatal, êle assistiu. De regresso a Inglaterra, é-lhe confiada uma importante missão na Rússia, que immediatamente aceita.

Finda esta missão, sente saudades da terra natal, e volta á Austrália; mas não em romântico devaneio de nostálgico: — chefia uma expedição organizada pelo British Museum e encarregada de estudar a fauna australiana.

Durou dois anos esta expedição; finda ela, ei-lo às voltas com o grandioso empreendimento de atingir o Polo Norte em avião.

Conseguirá êste homem, verdadeiramente predestinado, o seu objectivo? vai finalmente desvendar-se o mysterio dessas brumosas regiões, para lá das quais fica situada a extremidade do imaginário eixo da Terra?

O Mais Alto e o mais Longe... O cume do Everest... O Polo do Mundo... As duas ambições humanas inatinigadas.

Será desta vez?...

Se lá chegar, a Sciência o inscreverá no magnifico livro dos seus heróis, se socumbir, irá para a lista imensa de seus mártires; mas, em qualquer das hipóteses, bem haja o espirito audaz que o impele á conquista duma verdade mais, a oferecer á Humanidade, — a essa Humanidade que, em ambos os hemisférios, seguirá atenta e ansiosa o vôo do seu avião até ás regiões misteriosas do Polo ou da Morte.

O homem que tem vivido mais não é o que tiver contado mais anos, mas o que mais tiver sentido a vida.

JEAN JACQUES ROUSSEAU.

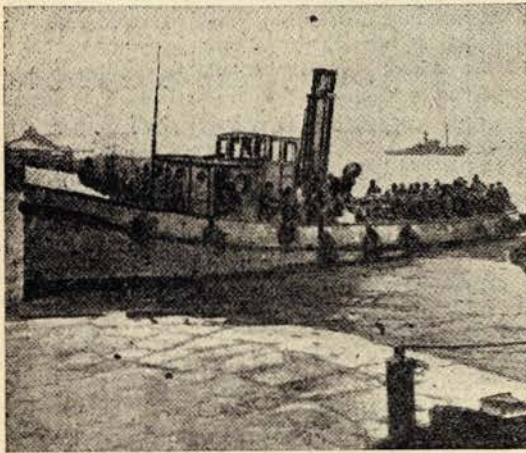
Guardai-vos de vos deixar surpreender pela apparencia das coisas e de precipitar o vosso julgamento.

LUIZ DE GRANLHA.

Os contrastes da moderna civilização

PARA A ARISTOCRACIA FINANCEIRA E INÚTIL, O DESFRUTE DE TODOS OS CONFORTOS; E PARA A PLEBE ASSALARIADA E PRODUTIVA, O PESO DE TODAS AS MISÉRIAS

Já vivemos na época intensa das inovações e da fantasia, dos caprichos e do modernismo, das indolências confortáveis e das requintadas comodidades, mas a foice progressiva das civilizações não conseguiu ainda cercar á superficie,



Emquanto uns limitam as suas viagens a uns passeios á Outra Banda...

sequer, os aspectos primitivos da vida humana. Neste seculo adiantado de audacias e experiencias, a maior parte da Humanidade vive como nos tempos remotos, em profunda apatia, porventura, ao relento, sem um unico sonho e sem uma indecisa aspiração.

O contraste resiste furiosamente, mais que a tradição, ao avanço impetuoso das sociedades. Domina, entretanto, o contraste, e é o seu poder que impõe aos espíritos frívolos a cultura do paradoxo, e aos espíritos críticos a flagelação da desigualdade.

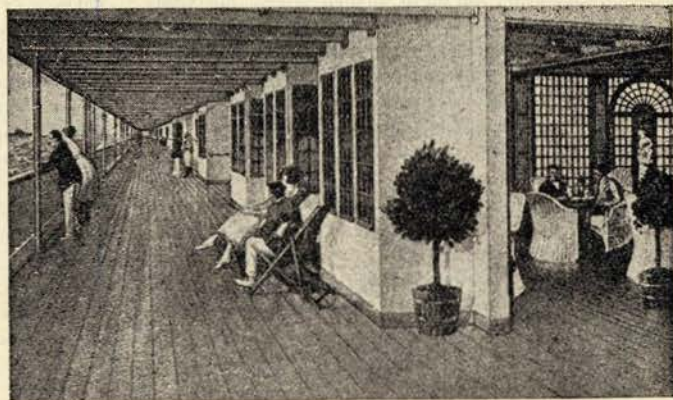
Contudo, a vida universaliza-se. O homem não hesita na sua tendencia para o conforto despindo-se lentamente de todos os atavismos e buscando a existencia mais grata, que só pode decorrer em alegrias e diversões, em efusão de sentimentos e no goso da saude plena.

Não valem aforismos serodios, topicos sociais de trogloditas e frases inexpressivas e arcaicas para deter a expansão da vida contemporanea.

Todos os individuos se consideram justamente com igual direito ao disfrute pratico de todos os requintes dessa apregoada civilização que mais não é que o produto acumulado na difusão do progresso e da cultura.

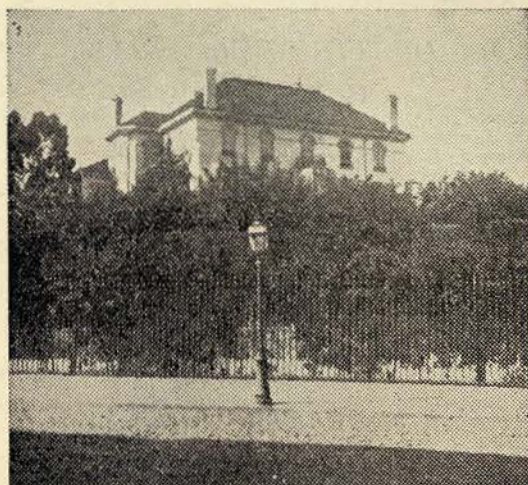
O homem que habita os primitivos casebres da Serra de Monsanto, da Ajuda ou do Casal Ventoso, alimentando barbaros raciocinios á luz de uma vela enquanto digere pão duro, deveria elevar o seu espirito até saber conquistar as comodidades, o requinte e conforto que se apresentam nesse hotel cosmopolita que se chama Avenida Palace e aloja diplomatas e *escrocs* de alto coturno, de mundanas e damas de fina hierarquia, que se movem com indolencia e desafogo em amplos salões e em saudáveis quartos, durante a noite ceiando em alegria efusiva ou discreta, iluminados por jorros de electricidade e enebriados por harmonias subteis. Nesse hotel se universaliza, é certo, o convívio humano: lá estão o americano e o asiático, o europeu e o africano, todos descendentes em primeiro grau do pele vermelha, do barbaro e do selvagem. Mas falta lá o homem da plebe, o descendente em afastado grau dos trogloditas...

O pandego que, ao domingo, com a família ou com amigos, se mete num bote de vela enfunada e ala expansivamente até á outra margem do Tejo, em busca de belas sardinhas assadas e do mais grosseiro carrascão, tem o mesmo direito conferido ao turista de atravessar os oceanos em gigantescos transatlanticos, nos



... ha os que percorrem o mundo em paquetes magnificos, sumptuosos hotéis flutuantes

quais só ha luxo e conforto e parecem metropoles ondulantes, em busca do prazer que se encontra nas grandes cidades que não se conhe-



Emquanto uns vivem em palacios...

cem, e onde ha hotéis tão luxuosos, tão luxuosos, que, ao pé deles, o Avenida Palace seria uma hospedaria barata.

Aquele que viaja em compridos automoveis através de nações inteiras, vivendo como num salão do seu palacio, amando a esposa e acarinhando os filhos, todos recostados em estofos que incitam a preguiça — ainda que as estradas tenham abismos — não é mais digno da alegria de viver do que esse pobre vagabundo que pede a um carreiro o favor de uma bolêa no carro que pacificos e eternos bois veem puxando no decurso de uma a outra povoação.

E porque ha de o operario pagar com sacrificio um fato adquirido num adelo, calçar umas botas de grosseiro cabedal da capela de S. Crispim erecta numa escada, envergar desageitadamente um chapêu de feltro ordinario, se por toda a cidade ha boas alfaiatarias que fazem vestir pelo ultimo figurino, sapatarias que oferecem do mais fino calfe, chapelarias que tem nos armarios mesclas duradouras, indesbotaveis e elegantes? Nada como a indumentaria para revelar vivamente essa crueldade estúpida que impõe privilegios a uma aristo-

cracia grosseira fabricada no dominio das oligarquias

Emfim, a vida contemporanea determinou os dois aspectos principais da desigualdade que sempre foi atributo das sociedades hierarquicas. A tendencia universal da Humanidade é tão irresistivel que a distincção de raças se vai aniquilando nos cruzamentos, cada vez mais favorecidos pela rapidez e crescente facilidade das communicações. As classes sociais, até, confundem-se desordenadamente, igualam-se visivelmente todos os bens da vida e todos os dons da inteligência, e a tendencia humana, por isso, é não confiar mais de uma só classe o cumprimento de destinos varios.

O dinheiro é a unica aristocracia. E aquele que não o tenha, faça parte da ralé. A moral deste seculo...

Pois se o dinheiro é a unica aristocracia, compreende-se agora como haja presidiarios que da plebe subiram até às boas graças dos reis e da policia.

Actualmente, o burlão é homem mais acreditado do que o operario, mas a falta de caracter do nosso tempo beneficia apenas o pri-



... outros vivem na rua

meiro. Por isso vai para o burlão o desfruto de todo esse conforto moderno que só o operario fabrica.

Com bom humor, conseguem-se as coisas mais dificeis e não se envenena a vida que já tem bastantes dôres inevitaveis, para que nos dispensemos de criar-lhe outros imaginarios.

LABOULAYA.

O FILHO

CONTO DE EDUARDO FRIAS

— Valentim!... Mais uma polka...

Ele já não ouviu o folgazão que se afastava aos tombo, tomando por um atalho, cançado de beber e pular, sob um sol excitante de setembro.

Aquele convite, balbuciado por um bebado, era o último eco perdido da ruidosa festa em casa do Tomé do Burro, para festejar o batizado da filha.

Fôra uma verdadeira romaria êsse batizado. As estradas povoaram-se de manchas escuras e esbranquiçadas, a pé e nos carros como para uma feira. A poeira das estradas não secara as gargantas que atiravam, para a limpeza da atmosfera esbrazeada, seus canticos alegres, e o vinho e sol fundiam tudo num louco entusiasmo, como se em vez do batizado da filha do Tomé, os homens e as mulheres festejassem o começo e o triunfo de uma vida nova, mais livre, mais bela, mais próxima dos instintos...

Agora era tudo silêncio, e um vago murmúrio da Natureza acentuava a dormência febril das coisas que permitem ao homem escutar melhor a sua voz interior.

E Valentim, caminhando silencioso ao longo da estrada, sob um vago rumor de vida extinta, abandonava-se ao melancólico prazer de prescrutar o estranho mistério dessa voz, como se ela fosse o eco da muda eloquência das árvores e dos ribeiros.

Ao lado, sua mulher seguia-o olhando as duas sombras alongando-se até perderem-se nos valados, batidos por um sol anêmico, que comunicava a tudo uma penetrante nostalgia.

— Valentim! Afinal a festa acabou muito depressa...

Ela tentava assim desafiá-lo, continuar estrada fóra, a alegria dos cantares na festa oferecida pelo Tomé. Admirava-se que o marido caminhasse taciturno, o armonium pendente, como um condenado na marcha para o patíbulo. Ela trazia ainda nos ouvidos, em todo o seu ser, os gritos e os movimentos da dança, verdadeira convulsão de massas coloridas, vibrantes de entusiasmo, toda uma apoteóse de luz, de força, verdadeira e triunfal manifestação da vida sã.

Entretanto, não compreendia a passividade do marido, o seu Valentim, que todas as povoações convidavam para a festança, porque êle só, com o seu armonium, divertia meio mundo. Ele mesmo tinha um estribilho, que atirava a meudo, a propósito de tudo.

— Diabo! Porque não devemos nós alegrar a vida?

Era toda uma síntese do seu carácter folgazão e atilado; borbotava daquele conceito da existência, toda a justificação dos actos mais decisivos da sua vida.

— Diabo! Porque não devemos nós alegrar a vida?

E assim, em obediência a êste rude princípio, o Valentim era poupado para comprar uma espingarda, aprendeu a tocar o armonium, e cometeu muitos outros actos severos e alegres, como o casamento.

— Valentim! Empresta-me o armonium. Quero pular, quero cantar! Diabo! Porque não devemos nós alegrar a vida, ó Valentim?

Ele passou-lhe o armonium, automaticamente, absorvido numa inexplicável melancolia...

Então ela assustou-se. Estacou, e inquieta, carinhosa, penetrada subitamente do fluxo de ternura da tarde agonizante, sacudiu-o:

— Que tens?

Ele cingiu-a pela cintura, pousou-lhe um beijo nos cabelos, e disse apenas:

— Que linda tarde...

Mas a tarde morria. Os últimos reflexos sanguíneos esvaíam-se numa franja dourada, e por fim, a penumbra crepuscular envolveu-os por completo.

Também ela se deixou trespassar pela melancolia,

daquele violento contraste, entre o crepusculo lilaz, esbatido de côres indecisas, nostálgicas, e a tarde plena de sol, onde tudo fóra uma sinfonia alegre à vida que desponta...

E agora essa vida tornava-se mais sensível. Já não era a apoteóse ao movimento, à côr. Já não era o rumor duma alegria vitoriosa, mas o próprio sentido da vida, que penetrava sob a forma de uma enternecida saudade, invadindo-lhes os corações, sacudidos pelo ar puro.

— Que tens?

Já não inqueria angustiada a causa do seu mutismo. Procurou levá-lo a dizer o que ela adivinhara, o que ela sentia, mas não sabia exprimir em palavras.

— Que linda que era a filha do Tomé...

E toda a serenidade acariciadora da Natureza, toda a secreta eloquência daquele crepusculo, toda a inexplicável melancolia de aquele deslizar taciturno na estrada, ex-



— Valentim! Empresta-me o armonium...

plodiu nêste grito de consciência, murmurado baixinho, confundindo-se com o rumor das árvores:

— Morro se tu não me dás um filho...

Caiu a noite...

Na aldeia já ninguém se lembrava da filha de Tomé, e a mulher do Valentim, esquecera por completo a comoção profunda daquela tarde em que regressaram do batizado.

O sol batia ainda as frontarias das casas, e por pouco não convidava as árvores a dançarem como os gafanhotos.

Só o sol permanecera fiel ao seu compromisso de alegrar a vida, de a estimular, obrigando as cigarras a entoarem os seus hinos, as suas bizarras sinfonias.

Tudo o mais amortecera, desertara da vida como da peste.

O armonium do Valentim, já ninguém se lembrava dêle. Emudecera. As crianças quando descuidadas, levantavam um grito mais alto, eram repreendidas, e a blasfêmia, a apóstrofe de maldição eram as únicas palavras que mais acentuadamente estabeleciam as relações sociais no povoado.

Ninguém saía à rua. Tropeavam cavalos das patrulhas da guarda. Havia grêve. Em todas as casas um ambiente de catástrofe, uma lamúria de miséria. Era a fome,

a expectativa da morte imobilizando tudo, as almas e as coisas. Algumas famílias preparavam-se para deixar a terra. Era demais! Aquilo era uma terra maldita. Não se podia ali viver, porque até com o trabalho especulavam, os grandes tratantes dos proprietários...

E cada dia, nova desgraça avolumava o pavor de maldição atirado sobre a aldeia...

O José Bernardo, um velhote rijo, sucumbira, e a sua morte deixara toda a povoação num abatimento profundo.

— Patifes. Acabamos por seguir todos o mesmo caminho.

Só o Valentim permanecia firme, a sua alegria serena. Em nada o seu caracter se alterava.

Todos os dias, a mulher lhe comunicava uma nova desgraça.

Agora era o porco. Preocupados com os acontecimentos, deixaram morrer o bicho, abandonado.

Depois era a espingarda, a arma em que o Valentim tinha tanta estimação, que desaparecia na voragem; depois era o sogro que agonizava ao mesmo tempo que um seu irmão...

Valentim só se lamentava de não poder tocar o seu armonium, e ficava animoso, encorajando os vizinhos e aconselhando-lhes prudência...

— Ah! senhor Valentim... Bons tempos, em que o seu armonium era a alegria do nosso povo...

A vida não é como a gente a sente. É como eles a querem fazer... Por causa dos seus caprichos morreremos todos de dor, de fome...

Valentim tinha esperanças, contava uma historia alegre, aconselhava a serenidade, e quando voltava a casa, a mulher anunciava-lhe um novo desastre...

— Valentim. Perdoa-me. Foi preciso desfazer-me do armonium...

— Deixa mulher!... Foi preciso?... Acabou-se...

E ficava na mesma, muito calmo, ouvindo em silen-

cio, lá fora, o tropear dos cavalos das patrulhas vigilantes...

A mulher olhava-o com assombro. Quando lhe vinha anunciar um novo desgosto por fim, chegava-se junto dele, sorrindo, porque já sabia que as palavras dele, mais uma vez reacenderiam a fé perdida...

Eram enternecedores esses encontros, em que ambos adivinhavam que deveriam suportar uma nova desgraça, e começavam por sorrir, olhando-se admirados, um pouco orgulhosos antes de a revelar.

Mas uma tarde, ela chegou junto dele alterada, a respiração ofegante.

— Valentim!

Ele tambem perdeu por momentos a costumada serenidade.

— Que mais temos agora... Deixa-te de medos... Diz depressa...

— Valentim... Somos muito infelizes.

— Acaba mulher...

— Era o que nos faltava, tambem agora...

— Acabas ou não...

Num movimento rapido, chegou-se mais para ele e murmurou-lhe ao ouvido.

— Vou ter um filho!

Ele teve uma sacudidela nervosa.

— Raio de vida! Maldita hora...

Ela quis abraça-lo, e ele descolou-se violentamente, e abalou para a rua, desorientado, vencido...

— Valentim!

Correu ao postigo, e ouviu-o praguejar como um doido, louco de dor, desesperado:

— Que desgraça! Um filho!... Que desgraça!...

Edwards Frey

O MUNDO CURIOSO

Arqueologia

Uma comissão de membros do Instituto Arqueológico de Praga, que havia sido encarregada de proceder a escavações nas ruínas da cidade grega de Eyme, acaba de comunicar a descoberta de um templo jónico que deve ter sido edificado quatro ou cinco séculos antes da era actual, isto é, há uns dois mil e quatrocentos anos. Juntamente com este achado, a comissão participava haver tambem encontrado uma vasta colecção de objectos de arte e numerosas estátuas.

Uma verdadeira Sorte Grande para os os doutos pesquisadores das saudosas ruínas de Eyme.

A côr dos olhos

O dr. Bryn, célebre médico norueguês, acaba de concluir um curioso estudo. Trata-se da influencia da hereditariedade na côr dos olhos das crianças.

Diga-se de passagem: não é esta uma questão de magna importância; ao contrário, não passa de uma verdadeira paciência científica, em que distraiu seus ócios nalgumas noites de inverno, — e devem ser tremendas as noites de inverno, na Noruega, — o dr. Bryn.

O médico em questão examinou 834 pessoas, e, depois de ter visto 1.668 olhos, julgou-se suficientemente habilitado a pronunciar-se sobre «a côr dos olhos e a hereditariedade», — tese escolar das mais bizarras. Verificou que, no caso de pais e avós terem olhos azuis, tôdas as crianças os teem da mesma côr; mas quando alguns

dos avós tenha olhos castanhos, só noventa por cento das crianças apresentam olhos azuis; se os pais teem ambos os olhos castanhos, só setenta e cinco por cento das crianças os teem dessa côr, sendo os restantes olhos azuis; se um dos pais tem olhos escuros e o outro azuis, os filhos apresentam indiferentemente, olhos de uma ou da outra côr.

Os sábios, essas criaturas graves e circunspectas que aprendemos a venerar, perdem por vezes o seu tempo, de ordinário considerado precioso, em rasoáveis ratices...

O sangue do lama

Aos alemães se devem muitas, senão a maior parte, das descobertas da medicina moderna, principalmente as que dizem respeito a essas tremendas doenças conhecidas sob designação genérica de moléstias venéreas.

Agora, anunciam-se novas e sensacionais experiências de um professor dessa nacionalidade, o dr. Scheresksky, que pretende haver descoberto um soro contra a sífilis.

O soro agora descoberto é extraído do sangue do lama, pequeno camelo sem corcova, muito vulgar na América do Sul. Há, no entanto, quem conteste ao professor alemão a prioridade na ideia de aproveitar o sangue dê-se animal na confecção do soro, que, a confirmar-se o que dêle diz Schefesksky, livrará a Humanidade de um dos seus mais tremendos flagelos. Diz-se que a concebeu o médico argentino dr. Jauregny, antes da Guerra Europeia, e que o aproveitara já, com exito, na luta contra a

febre amarela. Em 1915, o citado médico declarou, numa conferência, que teria encontrado o sôro contra a sífilis, se não fosse a Guerra.

Parece que o dr. Scheresksky, ao facto dos trabalhos de Jauregny, prosseguiu a tentativa dêste, e pretende ter alcançado resultados maravilhosos. Eis o que resta ver.

A produção literária em França

Uma estatística, ha pouco publicada em França, accusa, para o ano de 1925, uma produção literária de 8.987 obras diversas, dentre as quais 358 volumes de versos, apenas, — o que indica a decadência manifesta deste ramo literário, que muita gente aprecia, mas ninguem ao ponto de gastar dinheiro ou tempo com êle.

Quási uove mil volumes! Setecentos e cinquenta por mês, ou sejam vinte e cinco por dia! Calculando uma media de 260 paginas por volume, temos 6.250 páginas por dia, das quais teria que dar conta o critico literario consciencioso que quizesse andar bem ao par do movimento literário francês.

Evidentemente que é absolutamente impossivel digerir tão copiosa produção livreca. A leitura de um volume por dia é já sufficiente. Em geral, as pessoas que leem muito costumam trazer entre mãos quatro ou cinco volumes, a fim de não fatigar demasiadamente o espirito com leitura seguida de muitas dezenas de páginas do mesmo autor, e assim dividem por diversos livros a sua atenção. Desta forma, lendo cinquenta páginas, por exemplo, de um, quarenta de outro, cem de outro, leem as duzentas e cinquenta que reputamos o máximo que uma pessoa pode ler com aproveitamento por dia.

Nesta ordem de ideias se vê que apenas a trigésima parte dos volumes que durante o ano findo se publicaram em Franca pode ser atenciosamente lida por um mesmo leitor. Falta porém saber se êsse leitor, apesar da percentagem minima que leu, deu sempre por bem empregado o tempo que gastou em lê-los.

A resistencia dos cabelos

Um profundo observador chegou á conclusão de que um fio de cabelo de seis polegadas de comprimento pôde suportar, sem quebrar-se, um peso de 17 gramas. Por aqui se pode avaliar a força que a mais bela metade do genero humano está a perder com o uso de cortar o cabelo... A côr do cabelo não é de menor importancia, pois o cabelo preto é quási sempre mais forte do que o louro. Mas as que os possuem desta ultima coloração não se devem por isso considerar em plano inferior, porque, segundo vários sabios, os cabelos louros, de nascença, — não confundia com os outros... — são mais finos e mais numerosos do que os pretos. Diante disto é perfeitamente restabelecido o equilibrio.

A solidez dos cabelos foi sempre conhecida de toda a antiguidade.

Os romanos confeccionavam com os cabelos dos escravos as cordas de suas catapultas — máquina antiga de guerra destinada a arremessar dardos e outros projecteis — e diz a lenda que, no cerco de Cartágo, as damas da cidade fizeram á «pátria» o sacrificio de suas admiraveis cabeleiras, afim de que fossem com elas confeccionadas maquinas de guerra análogas ás dos romanos.

O exilado de Doorn

A vida do kaiser em Doorn já não é um misterio. Ha dois anos, uma jornalista conseguiu aproximar-se do imperador, falando com ele.

Aparece agora outra reportagem interessante feita por um alemão. Dela respigamos as passagens mais curiosas:

Quando o kaiser se acolheu á Holanda, decrépito e exilado, estava convencido que em breve voltaria a assumir os destinos da Alemanha. Acolheu-o o conde Bentinck que, pensando exactamente o contrario, todos os dias lhe deixava no quarto jornais holandeses, com anuncios de casas para vender rubricados a lapis azul. Um dia, o barão von Heemsta vai a Amerongen e convida o

kaiser a visitar a sua propriedade de Doorn, de que se queria desfazer.

Guilherme II, que já tinha poucas illusões de voltar a ser imperador, compreendeu o fim do passeio e comprou o castelo de Doorn.

Em Doorn, o kaiser é uma figura popular, mas não goza de simpatias. A razão da sua popularidade está no facto de a vila que fica perto do castelo ter progredido com o vai-vem continuo de estrangeiros e visitantes que vão ver o exilado. Ao principio, os fornecedores do kaiser punham nas facturas: «Herr von Hohenzollern», mas como foram devolvidas, endereçaram-nas a «Sua Magestade». Então, foram aceitas.

A imperatriz Herminia, desde que está em Doorn, tornou mais grave a etiqueta, tendo castigado um criado por não ter tratado magesticamente um dos principes.

O sono dos peixes

Todo o ser vivo tem e precisa de momentos de repouso. Mesmo os microbios e as plantas repousam, e naturalmente tambem os peixes.

Quando se observa um gato dormindo, não é possivel duvidar que efectivamente ele dorme, pois a diferença entre um gato em estado de vigília e em estado de sono é mais ou menos a mesma que existe entre um individuo despertado e um individuo a dormir; a diferença, porém, entre os dois estados no peixe não é a mesma. Sem duvida que o sono do peixe se assemelha muito ao sono do gato, do homem; simplesmente, o seu estado de vigília é que não é o mesmo. O que queremos dizer com isto é que como os peixes possuem apenas vestigios de intelligencia (de facto os peixes são bem estupidas criaturas), ainda quando estão inteiramente despertos parecem quasi adormecidos em comparação ao que somos nós outros, quando acordados.

Os peixes dormem evidentemente, mas dormem com os olhos abertos. E, entre parentesis, cumpre dizer que bem se poderia dormir com os olhos abertos se não fosse a enorme dificuldade em mante-los nesta posição; é bem sabido que conservamos os olhos abertos por um esforço muscular. Ora quando o sono nos invade este esforço cede, e, pois, muito naturalmente as palpebras caem por seu proprio peso. Assim, o sono não exige que se fechem as palpebras; elas, porem, fecham-se em consequencia do relaxamento muscular produzido pelo sono.

Nos peixes, porém, isto não se dá pela razão muito simples de que os peixes não possuem a unica cousa capaz de fechar os olhos: as palpebras. Não são os unicos animais em tais condições: tambem as serpentes conservam os olhos abertos ainda que pareçam estar inteiramente adormecidas. Assim os peixes dormem de olhos abertos na maior imobilidade. Não nos iludamos, porém; muitas vezes a imobilidade não indica sono; quantas vezes observamos em tanques ou em aquarios peixes perfeitamente imoveis e que, repentinamente, atiram-se á presa que lhes passa na proximidade e a devoram? Estes, por certo, não dormiam.

A produção mundial do vinho

Refere-se ao ano de 1925, uma estatística, há pouco publicada, da produção mundial do vinho; os números que ela nos apresenta devem, porém, ter apenas sofrido ligeira alteração, e êsse trabalho pode, por consequinre, considerar-se actualizado.

Damos a seguir os números que exprimem em hectolitros, essa produção, e pelos quais se vê que Portugal ocupa o quinto lugar entre os paises produtores.

França, 59.911.200 hectolitros; Itália, 53.948.000; Espanha, 22.708.900; Argélia, 10.141.000; Portugal, 5.566.000; Roménia, 5.134.000; Hungria, 4.696.000; Argentina, 4.615.000; Yugo-Slovénia, 4.412.000; Chlí, 2.217.000; Grécia, 2.111.000; Austrália, 1.965.000; Bulgária, 903.000; Áustria, 822.100; Alemanha, 791.000; Suíssa, 782.000; Tunísia, 680.000; Brasil, 529.000; União Sul Africana, 454.080; Uruguay, 350.000; Tcheco-Slováquia, 329.000; Peru, 293.000; Madeira, Açores e Canárias, 165.000; Bolívia, 68.000; Luxemburgo, 8.400; México, 7.550; Síria, 5.900; Canadá, 2.600; Egipto, 1.600.

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actualis assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Contribuição ao estudo dos synchytrium. Dissertação para doutoramento na Faculdade de Sciencias da Universidade de Coimbra, pelo assistente da mesma Faculdade, Aurelio Quintanilha. — Imprensa da Universidade, 1926. Do merecimento deste trabalho do nosso amigo dr. Aurelio Quintanilha, diz a alta classificação que lhe foi conferida. Agradecendo ao ilustre professor a oferta do seu estudo, felicitamo-lo afectuosa e efusivamente.

Educação Social, revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo professor Adolfo Lima. Número elaborado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. *Sumário: O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas; Culto da violência; escola do crime* — D. Adelaide Gabete; *A cidade e as ruas* — D. Albertina Gamboa; *Agir pelo Bem* — D. Angélica Porto; *O Cinema* — D. Deolinda Lopes Vieira; *Leituras deletérias* — D. Domingas Lazary Amaral; *As touradas e a sua extinção* — D. Vitória Pais Freire de Andrade; *O processo experimental na Escola Primária* — António Lima; *Vocabulário pedagógico; Factos & Documentos; Página Selecta; Livros & Revistas*.

Riso Infantil — Trata-se de um jornal ilustrado para crianças, dirigido pela professora sr. D. Maria do Céu da Cruz, e que se recomenda pela sua isenção de preconceitos patrióticos e religiosos. A redacção e administração do *Riso Infantil* é na Calçada dos Caetanos, 6, 3.º e o seu preço avulso é de 1\$00.

A Choldra. Ha muito que não aparecia entre nós um panfleto politico, de ataque violento aos caprichos dos dominadores e á corrupção dos homens públicos. A essa lacuna deve *A Choldra* o seu successo. Escrito com mocidade e «sem papas na lingua», é um jornal que todo o es-

pirito revoltado lê com interesse. É seu director o jornalista Eduardo de Souza (sem dr.), sai aos domingos e custa 1 escudo.

Ilustração — O n.º 4, que não recebemos mas tivemos ocasião de vêr, apresenta-se sensivelmente melhorado, quer em leitura, quer na disposição de gravuras. Cumprindo as disposições da lei de imprensa traz já na cabeça o nome do director, que infelizmente não fixámos.

A capa deste número é de Stuart Carvalhais. Apesar de não ser das melhores coisas deste notavel artista, é sem duvida esta a melhor das capas publicadas. A esperança que tínhamos em ver *Ilustração* melhorada, vai sendo assim satisfeita. E ha-de ir aperfeiçoando-se cada vez mais.

Os Novos, revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra. Recebemos o seu 2.º n.º Preço 1\$00. Entre os colaboradores figura o nosso amigo e distinto professor Álvaro Viana de Lemos.

La Revista Blanca. Recebemos o numero correspondente a 15 de fevereiro. (66 da sua segunda época) desta interessante revista quinzenal de novos horisontes sociais, que se publica em Barcelona Calle de las Oliveras, 30 (Guinardó). A' venda na nossa administração.

La Novela Ideal, editada por *La Revista Blanca*. N.º 24, *Los hijos de la Calle* por Federica Montseny. N.º 25, *Esclavo de su culpa*, por José Castells Serra. Encontram-se á venda na nossa administração ao preço de \$50 centavos cada novela.

O Vegetariano. Recebemos o n.º 1.º do 17.º ano da sua publicação, e referente a Janeiro do corrente. Esta revista naturista, que é a melhor publicação do genero escrita em português, tem a sua redacção no Largo dos Loios, 50 1.º — Porto.

A Guerra. O 2.º numero desta revista mensal, órgão da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, insere uma desenvolvida reportagem do 1.º Congresso dos Mutilados e Invalidos da Guerra inaugurado na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comicios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc., etc..

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA